

# A FÉ DE COLOMBO

## Uma dimensão pouco conhecida de sua personalidade

Humberto M. Rasi

Pela boca dos profetas do Velho Testamento assim como por Jesus Cristo, no Novo Testamento, as Sagradas Escrituras dão testemunho de que este mundo está chegando ao seu fim: Mateus, Marcos e Lucas relataram os sinais que apontam para o fim deste mundo; os profetas também já os tinham predito.” Cristóvão Colombo *Livro das Profecias*, Fólio 5.

Alguns eventos alteram para sempre o curso da história. As viagens de Cristóvão Colombo, que marcam o início dos contatos regulares entre a Europa e o continente que seria mais tarde nomeado – de maneira injusta – América, foi um destes eventos cruciais.

É bem possível que outros navegadores do Mundo Antigo tivessem visitado estas paragens antes que Colombo e sua tripulação houvessem ancorado numa das pequenas ilhas das Bahamas. Todavia, mais do que qualquer evento precedente, suas viagens cativaram a imaginação européia, trazendo uma série de transações transatlânticas que afetaram finalmente o planeta todo.

Colombo fez muita publicidade em torno de suas descobertas, estimulando outros a seguirem as rotas marítimas que ele tinha descoberto. Além de introduzir muitas espécies de plantas e animais no Novo Mundo, seus navios retornavam à Europa levando consigo as riquezas naturais da América. O Almirante teve a sorte de ter o apoio de um reinado jovem que estava disposto a levar avante extensas explorações no território recentemente descoberto.

Além disso, a época foi muito propícia. Intrigada pelas viagens asiáticas de Marco Pólo, sendo estimulada pelas explorações portuguesas na costa da África, bloqueada pelos turcos nas rotas orientais do comércio por terra, a Europa estava pronta para expandir suas fronteiras econômicas em direção do Ocidente.

O fator chave nesta mudança global foi este obscuro navegador, que por sete anos tinha tentado conseguir suporte financeiro a fim de abrir contatos comerciais com o Oriente, navegando em direção do desconhecido Oeste. Quando a rainha Isabel de Castela e o rei Fernando de Aragão finalmente concordaram em dar-lhe suporte financeiro, Colombo já era um viúvo de 41 anos, com dois filhos e com contas para pagar. Mudanças drásticas, todavia, estavam para ocorrer em sua vida.

### Razões Diversas

Três razões importantes, além da complexa personalidade de Colombo, levaram-no a empreender quatro viagens entre 1492 e 1504, as quais descobriram uma costa marítima que não cessava de se estender. Embora essas explorações não tenham provado sua hipótese de atingir o Japão (Cipango), e a China (Cathay), e a Índia, pois ele havia calculado mal as distâncias, elas abriram um continente vasto e repleto de oportunidades para a Europa.

A primeira dimensão de sua personalidade é a mais bem conhecida – **Colombo: o navegador brilhante e explorador perspicaz**. Baseado em suas leituras e múltiplas viagens – da ilha de Chios no Mar Egeu, até a Islândia, e à Guiné Africana – o Almirante tinha concebido um plano que permitiria que seus navios singrassem o Atlântico em ambas as direções, levados pelos ventos comerciais e interesses ocidentais que ele havia cuidadosamente esquematizado. Enquanto explorava as costas do novo continente, Colombo, em sua fascinação, anotava detalhes sobre a vegetação, a fauna, os artefatos, os povos nativos e seus costumes.<sup>1</sup>

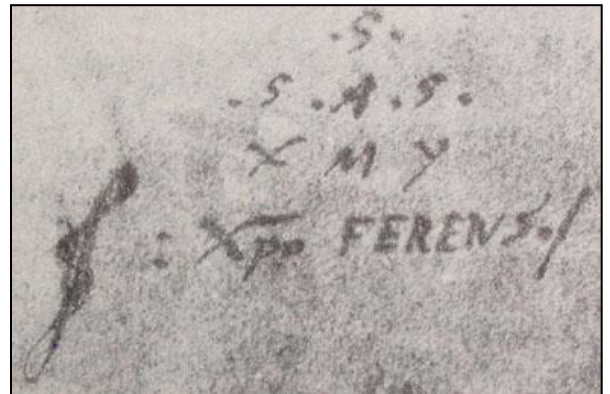
A segunda dimensão tornou-se recentemente o centro de ataque de alguns revisionistas – **Colombo: o empreendedor ambicioso e explorador.**<sup>2</sup> Não há dúvida de que em suas negociações com os monarcas de Castela e Aragão, o astuto marinheiro-mercante tenha obtido importantes concessões para si próprio e para seus descendentes, caso seu plano fosse bem sucedido. Foi-lhe garantida uma posição de nobreza, o título de almirante, vice-rei, e governador dos novos territórios que ele conquistasse para a coroa, além de 10% dos lucros de tal empresa. Acima disso, seus diários de viagem revelam uma obsessão por objetos de ouro, pela perspectiva de descobrir ouro, e pelo valor comercial dos produtos que ele observava. Além disso, durante sua segunda viagem, ele permite que seus associados imponham trabalhos forçados sobre os nativos. Esse tratamento cruel, já conhecido na Europa, tornou-se mais tarde a prática que trouxe miséria e morte, primeiramente aos índios nativos e depois aos escravos africanos.

A terceira dimensão deste explorador é a menos conhecida – **Colombo – o estudante da Bíblia e o visionário.** A despeito da espiritualidade do Almirante revelada em seus escritos, os historiadores ou minimizaram ou ignoraram esta faceta intrigante de sua personalidade. O fato é que, através do estudo pessoal das Escrituras e de vários comentadores, Colombo começou a ver suas viagens como parte da direção providencial de Deus tanto na História como em sua vida. A “Empresa às Índias”, como ele a chamava, tinha para ele um duplo propósito: Proclamar o evangelho entre os povos não atingidos, e obter os meios necessários para libertar Jerusalém das mãos dos infiéis, apressando assim a segunda vinda de Cristo.<sup>3</sup>

Mesmo em seu nome, Colombo viu uma indicação do papel especial que Deus lhe havia confiado. Na realidade, *Chistofereus* (a raiz grega de seu nome) significa “o condutor de Cristo”, e por volta de 1498 o Almirante começou a incorporar este sentido à sua enigmática assinatura.

Essas três razões – descobertas, interesses e evangelismo – estão interligadas neste fragmento de seu diário de 16 de outubro de 1492 – quatro dias depois de seu primeiro desembarque – enquanto explorava as Bahamas:

“Esta ilha é vasta e eu decidi explorá-la, seja nela ou perto dela, existem minas de ouro. ... Essas pessoas são semelhantes àquelas das outras ilhas, e [partilham] a mesma língua e os mesmos costume, exceto o fato destes parecerem mais civilizados, mais fáceis de lidar e mais astutos. ... Não vejo nenhuma religião entre eles, portanto creio que eles podem se tornar cristãos facilmente, porque são mui inteligentes. É impressionante ver quão diferentes são os peixes daqui, comparados com os nossos.”<sup>4</sup>



As assinaturas enigmáticas de Colombo

### Um documento fora do comum

Em novembro de 1500, após ter retornado de sua infortunada terceira viagem e antes de empreender em março de 1502 sua quarta e última travessia, Colombo tirou tempo para o estudo e a reflexão. Durante este tempo, ele compilou uma vasta seleção de passagens proféticas da Bíblia Vulgata e de comentários que, segundo ele, estabeleciam a conexão entre sua compreensão da providência divina na história, e suas viagens. O manuscrito original desta compilação, que se tornou conhecido como o *Libro de las Profecias* de Colombo, foi guardado por Hernando, o filho do Almirante, e foi mais tarde colocada na Biblioteca Colombina na Catedral de Sevilha, na Espanha.<sup>5</sup> O *Livro das Profecias* permaneceu sem tradução por quase cinco séculos.<sup>6</sup>

A primeira parte do manuscrito é composta de uma troca de correspondência entre Colombo e Frei Gaspar Gorricio, um monge que morava em Sevilha. Em sua carta escrita de Granada (13 de setembro de 1501), o Almirante envia a compilação a seu amigo, e pede-lhe que a revise e expanda. Gorricio responde de Sevilha

(23 de março de 1502), devolvendo o manuscrito e ajuntando: “Senhor, ajuntei e interpolei muito pouco. V.S. o verá através de minha escritura; eu submeto tudo à correção de seu espírito e a seu juízo prudente.” (Fólio 1, verso).

Depois de algumas citações que refletem a hermenêutica de Colombo, o documento inclui uma carta importante escrita previamente pelo Almirante à rainha e ao rei. Esta carta nos permite reconstruir a imagem própria que Colombo tinha:

“Eu fui para o mar quando ainda muito jovem e até hoje continuo a navegar. A arte da navegação favorece àquele que deseja ter conhecimento dos segredos deste mundo. Por 40 anos tenho estado a navegar. Naveguei em águas dantes nunca navegadas... Nosso Senhor tem feito prosperar este meu desejo e concedeu-me o espírito de inteligência para tal.” (Fólio 4).

O Almirante relata a maneira pela qual Deus o guiou miraculosamente nos planos e na execução das viagens para as Índias. Em seguida, ele apela para que o monarca lance uma expedição para liberar Jerusalém das mãos dos infiéis. A carta revela a maturidade espiritual de Colombo, pois ele reconhece francamente seus erros passados:

“Eu falarei de uma [verdade bíblica] porque é importante para mim, pois todas as vezes que penso nela, sinto paz e alegria. Eu sou o pior dos pecadores. A piedade e a misericórdia do Senhor têm-se coberto completamente cada vez que lhas suplico. Encontrei a mais doce consolação em banir toda a minha ansiedade, a fim de contemplar Sua maravilhosa presença.” (Fólio 5, verso).

Colombo tinha uma compreensão equilibrada do papel da pessoa dentro da visão providencial da história:

“Ninguém deveria ter medo de lançar qualquer empreendimento em nome do Senhor, desde que tal empreendimento seja correto e unicamente para Se santo serviço. ... O Senhor confiou a execução de cada atividade a indivíduos, [mas tal acontece] de acordo com Sua vontade soberana, embora Ele dê conselhos a muitos.” (Fólio 5 e 6).

A maioria dos manuscritos consiste de citações bíblicas e comentários organizados em três partes, as quais focalizam o passado, o presente e o futuro. A maioria das citações de Colombo vem dos Salmos, de Isaías, dos profetas menores e dos Evangelhos. Para um navegador de origens humildes e sem uma educação escolar, tais textos revelam um conhecimento particular das Escrituras.

### **Avaliação**

O empreendimento audacioso de Colombo pode ser compreendido como uma tentativa para espaçar a condição extremamente pobre de sua infância, e para estabelecer uma linhagem nobre para sua descendência.<sup>7</sup> Ele foi também estimulado pela criatividade da Renascença. Ele nasceu em 1451, apenas um ano antes de Leonardo da Vinci e Savonarola, e dois antes de Américo Vespúcio. Enquanto Colombo concebia a idéia de chegar ao Oriente viajando em direção oeste, Michelangelo (1575) e Ticiano (1477) nasciam. Poucos anos mais tarde, Rafael e Palestrina viriam ao mundo.<sup>8</sup>

Todavia, nem seu ambiente cultural nem o passado histórico de sua família podem explicar sua fé inabalável em Deus, sua inusitada familiaridade com a Bíblia, sua visão sobre a ação da providência na história humana, e sua clara esperança “adventista”:

“Nosso Salvador disse que antes d consumação deste mundo, tudo que foi escrito pelos profetas deve ser cumprido. ... Eu diria que o sinal que convenceu-me de que o Senhor está abreviando o fim do mundo é a recente pregação do evangelho em tantas terras.” (Fólio 5 e 6).

O quinto centenário das viagens de Colombo está sendo explorado para beneficiar algumas agendas políticas questionáveis. Para os cristãos, a comemoração do quinto centenário oferece uma oportunidade para reflexões sóbrias: sobre os efeitos a longo prazo de nossas decisões pessoais; sobre nosso tratamento com pessoas que são diferentes ou mais fracas do que nós; sobre a contradição freqüente entre a fé que professamos e a vida diária que vivemos.

#### NOTAS

1. Samuel Eliot Morison escreveu o livro definitivo sobre esta importante faceta da personalidade de Colombo: *Admiral of the Ocean Sea: A Life of Christopher Columbus*, 2 vols. (Boston, 1942).
2. O livro de vendas de Kirkpatrick: *The Conquest of Paradise: Christopher Columbus and the Columbus Legacy* (New York: Knopf, 1990), representa uma amarga visão revisionista. O Concílio Nacional das Igrejas também aderiu a alguns grupos que se opõem à celebração, passando uma resolução que menciona: “invasão, genocídio, escravatura e ecocídio [destruição da natureza]” como resultado das viagens de Colombo. Essa resolução testifica que a igreja, de uma forma geral, “acompanhou e legitimou esta conquista e exploração” (Citado em *World*, 26 de outubro, 1991, p. 18).
3. Para uma clara análise das motivações de Colombo, veja Pauline Moffitt Watts, “Prophecy and Discovery: On the Spiritual Origins of Christopher Columbus’ ‘Enterprise of the Indies,’” *American Historical Review*, 90:1 (Fevereiro de 1985), pp. 73-102.
4. *Relación Del primer viaje de D. Cristóbal Colón* (Buenos Aires: Emecé Editores, 1942), pp. 32-33.
5. Encadernado em veludo, o manuscrito original consiste em 84 folhas numeradas (14 estão faltando) escritas em ambos os lados. Os manuscritos apresentam 4 tipos de caligrafias diferentes, inclusive o autógrafo de Colombo (Fólio 59). O texto aparece em latim, no espanhol de Castela – o castelhano peculiar do Almirante que mostra influência portuguesa, - e com algumas anotações em italiano.
6. Kay Brigham publicou uma reprodução do manuscrito original juntamente com sua tradução inglesa *Christopher Columbus’s Book of Prophecies* (Terrassa, Spain: Libros CLIE, 1991), que eu citei. Ver também *Christopher Columbus: His Life and Discovery in the Light of His Prophecies* (Terrassa, Spain: Libros CLIE, 1990).
7. Esta é a tese central do livro de Felipe Fernández-Armesto intitulado *Columbus* (Oxford: Oxford University Press, 1991).
8. Veja Paolo Emilio Taviani, *Columbus: The Great Adventure* (New York: Orion Books, 1991, p. 263).

*Humberto M. Rasi (Ph.D., Stanford University) é o atual diretor do departamento de Educação da Igreja Adventista do Sétimo Dia e o Editor de Diálogo.*